

## Motivos egípcios no Livro de Jonas

*Jonas* está tão deslocado entre os doze profetas judaicos como *Daniel* no cânone alexandrino e cristão. *Jonas* não é uma colecção oráculos proféticos, mas uma narrativa sobre um profeta desconhecido na vida e obra, contemporâneo de Jeroboão II (785-748) e filho do não mais conhecido Amitai (2 Re 14,25). Que nesse tempo o reino assírio não tivesse qualquer relevo além-fronteiras deve ter sido completamente ignorado do autor. Importante era arranjar um herói com pretensão suporte histórico e pô-lo em cena.

Na Igreja nascente, a peripécia do herói-cômico no ventre do monstro marinho foi tomada como sinal da estadia de Jesus nos infernos (cf. Mt 12,40) e com isso um apelo à conversão. Jesus referiu-se apenas ao profeta como sinal da fé que a sua pregação encontrava (cf. Mt 12,39-41). Em qualquer dos casos, é significativo o elo entre o *Livro de Jonas* e os Sinópticos, o campo favorito da investigação do Prof. Carreira das Neves. Seja lícito ao colega e amigo que nas últimas décadas tem navegado entre a ciência veterotestamentária e as literaturas pré-clássicas esboçar a possível origem egípcia de alguns motivos do livro bíblico.

### I

Como todos os povos do Oriente Antigo, Israel via no mar restos do caos medonho que antecederia a criação do mundo. Mas, ao contrário dos Fenícios, os Israelitas nunca foram grandes marinheiros nem se aventuraram no mar alto. Talvez porque a Palestina, possuindo embora extensa costa marítima, não tem nenhum porto natural. Casos isolados de rei com frota e naus de grande calado (de Társis, 1 Re 9,26, 22,49), a merecerem crédito, não escondem a presença de fenícios (cf. 1 Re 10,22), os únicos capazes de as manobrar. Não admira que a libertação da viagem atribulada no deserto

(Sl 107,4-9), do cárcere (vv. 10-16) e da doença grave (vv. 17,22) seja muito menos desenvolvida que a dos perigos e sustos de uma tempestade em alto mar:

*Os que atravessam o mar em navios  
a fazer o seu trabalho sobre a imensidão das águas  
esses viram as obras do Senhor  
e as suas maravilhas com os abismos.  
Ele imperou e levantou o vento,  
uma tormenta que ergueu alto as sua ondas.  
Erguiam-se até aos céus, desciam aos abismos,  
sua alma derrete-se em mal-estar;  
têm vertigens, cambaleiam como um ébrio,  
todo o seu engenho desaparece.*

A primeira parte do *Livro de Jonas* enquadra-se perfeitamente nesta realidade. O profeta à força, fugindo a sete pés à missão divina, embarca numa nau fenícia que zarpava de Jafa para Társis, no extremo ocidental do mundo. Para logo se ver metido na tremenda tempestade que a sua culpa desencadeara... e ser salvo miraculosamente pelo monstro marinho que o engolira.

Ninguém descortinara nas literaturas pré-clássicas qualquer protótipo para este e outros episódios do livro bíblico. Até que recentemente se viram na narrativa bíblica ecos palpáveis, em terminologia de literatura comparada, motivos do conto egípcio do *Náufrago* (pap. Leningrado 115, actualmente em Moscovo)<sup>1</sup>, do Império Médio (2040-1650). O conto pertencia certamente ao repertório da marinagem e passageiros, que, como ainda no princípio do século XVII português, espalhavam o tédio «com várias histórias e contos de passatempo»<sup>2</sup>. É literatura em sentido estrito, criando personagens e situações sem nunca as identificar pelo nome – um tripulante naufragado, uma ilha, uma serpente. Não há qualquer fixação histórica, embora muitos aspectos denotem a experiência da navegação egípcia para o estrangeiro. O que favorece a pluralidade de interpretações<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> A. KUNZ, «Das Jonabuch in motivgeschichtlicher Perspektive am Beispiel der Schiffbrüchigenerzählung», *ZAW* 116 (2004) 55-74.

<sup>2</sup> FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *Itinerário da Índia até à ilha de Chipre*, Lisboa, 1953, p. 23.

<sup>3</sup> D. KURTH, «Zur Interpretation der Geschichte des Schiffbrüchigen», *SAK* 14 (1987) 167-179; J. BAINES, «Interpreting the Story of the Shipwrecked Sailor», *JEA* 76 (1990) 55-76.

Uma expedição marítima está de volta ao Egito e o capitão teme ser punido pelo seu fracasso. Levanta-se então um passageiro a incutir ânimo ao oficial em pânico: não tema, saiba apresentar o caso correctamente ao faraó. «A boca de um homem pode salvá-lo. O seu discurso faz com que se lhe perdoe.»

Para confirmar o convite à esperança, o passageiro conta ao capitão da nau a sua história exemplar. Também ele tivera mais que razão para desânimo. Participara noutra expedição, terminada num fracasso ainda maior – todos os passageiros morreram no naufrágio, menos ele. Sem saber como, uma onda arrastou-o para uma ilha deserta. Passa três dias à sombra de uma cabana de madeira e só depois abre os olhos para o estado paradisíaco da ilha: «Encontrei ali figos e uvas, toda a sorte de finas hortaliças, figos de sicômoro, verdes e maduros, e pepinos como se fossem cultivados. Havia peixe e aves. Não faltava ali nada. Saciei-me e pus alguns no chão, porque tinha demais nos braços.» Seguiu-se um encontro numinoso. «Ouvi um ruído de trovão e pensei: 'É uma onda do mar.' Árvores racharam, o chão tremeu. Desvendando a face, achei que vinha uma serpente. Tinha trinta côvados; a barba tinha mais de dois côvados de comprimento. Seu corpo estava recoberto de ouro; suas sobranceiras lápis-lazúli autêntico. Sua frente estava curvada.» Aterrado e intimado a contar como viera ali parar, vê-se transportado pela boca da serpente até ao lugar da morada desta.

Encontrava-se com um deus solitário habitando a ilha?<sup>4</sup> Não é claro. A verdade é que falta ao vocábulo o determinativo divino que dirimiria a questão e a serpente fala de si própria em primeira pessoa e de «deus» em terceira<sup>5</sup>. Mas não é a gramática que se pode opor à tão clara caracterização da serpente como ser divino. Até porque a história da serpente ocupa o lugar central do conto, três histórias centradas numa – a do capitão que regressa de mãos vazias (*a-a'*: princípio e fim do conto), a do naufrago que se salvou miraculosamente noutra viagem marítima (*b-b'*), a sobrevivência na ilha deserta (*c-c'*), a serpente (*d*). As peripécias do naufrago, no mar (*b-b'*) e na ilha (*c-c'*), ocupam o maior espaço da narrativa (149, das 189 linhas do texto). O lugar central da curta história da serpente (*d* – seis linhas na estrutura cíclica *a-b-c-d-c'-b'-a'*) dá-lhe um relevo

---

<sup>4</sup> Sobre a questão cf. W. K. SIMPSON, «Schiffbrüchiger», *LÄ V*, 619-622.

<sup>5</sup> Cf. A. KUNZ, «Das Jonabuch...» *ZAW* 116 (2004) 57, n. 8.

extraordinário<sup>6</sup>. A serpente é dotada de atributos maravilhosos que apontam para a esfera do divino: comprimento de «trinta côvados», barba de «mais de dois côvados», corpo «recoberto de ouro; suas sobranceiras lápis-lazúli autêntico.» Pode ser o deus criador que sobreviveu à sua filha Maat (Derchain-Urtel), manifestação de Ré-Atum das «Ladaínhas de Ré», o Sol como estrela cadente (W. K. Simpson) ou descrição do ciclo solar diário (D. Kurth). A serpente é pura e simplesmente deus, tem *uma* dimensão divina para além das constelações mitológicas e cosmológicas. É o *ntr* («deus») de Sinuhe, Merikaré e Ptahhotep, o deus monoteísta, ou melhor, transconstelativo da literatura do Império Médio em conjunto, o qual não precisa de mirra ou incenso, porque tem tudo»<sup>7</sup>.

A história da serpente tinha algo de semelhante à do náufrago. Já tinham sido setenta e cinco serpentes, filhos e irmãos, sem contar uma filhinha obtida por oração. A todas menos a ela consumira o fogo, quando uma estrela caiu sobre a ilha. É a altura de o náufrago contrapor: regressava de uma expedição às minas do Sinai, num barco de 120 × 40 côvados e cento e vinte homens a bordo... tudo sumido na voragem da tormenta, menos ele. Que sossegasse, prosseguiu a serpente. Tinha sido conduzido à ilha por «Deus» e, passados quatro meses, voltaria ao Egipto, resgatado por outra expedição da pátria: «Então ela disse-me: ‘não temas, não temas, companheiro; não estejas pálido, agora que vieste até mim. Foi Deus que te deixou viver e conduzir a esta ilha do *ka*. Não lhe falta nada; está repleta de boas coisas. Nesta ilha passarás mês após mês, até teres completado quatro meses. Então virá um barco da pátria com marinheiros que conheces. Regressarás a casa com eles e morrerás na tua cidade...

Se fores corajoso e dominares os teus sentimentos (teu coração), voltarás a abraçar os teus filhos, beijarás a tua esposa, verás a tua casa.»

Cumpriu-se a previsão. Chegou um barco, o náufrago subiu a uma árvore e reconheceu os marinheiros egípcios. Carregou as mercadorias oferecidas pela serpente, rumou ao Egipto e em dois meses arribou à pátria.

---

<sup>6</sup> Cf. M. A. VALDEZ, «O conto do Náufrago. Três personagens à procura de intérprete», *Cadmo* 14 (2004) 112, remetendo para J. BAINES, «Interpreting the Story of the Shipwrecked Sailor», *JEA* 76 (1990) 59-65.

<sup>7</sup> A. LOPRIENO, «The Sign of Literature in the Shipwrecked Sailor», in U. VERHOEVEN-E. GRAEFE (ed.), *Religion und Philosophie im Alten Ägypten*. Fs. Ph. Derchain, Leuven, 1991, pp. 213-214.

A história foi bem contada, mas não convenceu o capitão. De mãos a abanar e temeroso do futuro incerto, nem com um milagre cobra ânimo: «Não gastes energias, amigo. Quem é que vai dar água a um ganso pela aurora, se o quer matar de manhã?»

A semelhança entre o *Náufrago* e o *Livro de Jonas* estaria, antes de mais, no tema central: não existe destino irrevogável; nem o capitão egípcio nem a cidade de Nínive estão inapelavelmente condenados à ruína, contra o que pensavam o capitão e Jonas. E são as figuras social e religiosamente mais fracas que têm a visão correcta: o passageiro do conto egípcio e os pagãos do *Livro de Jonas*.

É também comum a concepção de Deus:

1. A serpente salva o náufrago egípcio e este promete-lhe sacrifícios quando voltar a casa. Tem validade para além da ilha. O Deus de Israel é universal – reconhecido e adorado por pagãos (marinheiros fenícios [Jon 1,14], ninivitas [3,8-9]).

2. Deus ama os homens, independentemente da sua identidade étnica e de terem ou não outros deuses. Os marinheiros na tormenta «puseram-se a invocar cada um o seu deus» (1,5).

Jonas não pode entender, com a opinião teologicamente dominante em Israel, que os povos estrangeiros possam beneficiar do perdão de Deus. O desfecho quebra a tradição dos profetas de juízo, em que o oráculo não conduz à conversão mas a um maior endurecimento do destinatário estrangeiro. Só para Israel se punha a hipótese de conversão e de arrependimento de Javé face ao castigo prometido. Os errados, ou seja os pagãos, estão de fora. O desfecho da narrativa de *Jonas* é a reviravolta desta tese: se os ninivitas arrepiam caminho da sua má conduta (*šub mdrk har'ah*, cf. Jon 3,8.10), Javé arrepia da sua ira (*šub mhrwn 'p*, cf. v. 9) e arrepende-se do castigo que cominara (cf. v. 10)<sup>8</sup>. A graça e o arrependimento de Javé não têm fronteiras étnicas.

Os mesmos traços se encontram no conto do *Náufrago*. O egípcio perdido na ilha encontra um «deus amante» na serpente, a quem promete prestar culto na terra estrangeira do Egipto, onde reinavam outros deuses.

---

<sup>8</sup> Cf. H. SPIECKERMANN, «'Barmherzig und gnädig ist der Herr'...», ZAW 102 (1990) 15.

Que nem assim se quebrou a visão tradicional vê-se no pouco posterior *Livro de Joel* (2,12ss): mantém-se o «não» aos pagãos, mesmo citando *Jonas* (Jl 2,13); *ibid.*, pp. 15-16.

Para além da temática, haveria paralelo nas estruturas:

Na moldura narrativa, falam de um lado Javé e Jonas e do outro o «servo eficiente» e o capitão; ao lugar distante de Nínive contrapõe-se a ilha distante; ao desejo da morte (Jonas) a expectativa da morte (capitão); ao fatalismo de Jonas o fatalismo do capitão. Nos dois casos é o leitor que tem de tirar a conclusão que os intervenientes falham.

No centro da narrativa temos de um lado acção de graças e promessa de sacrifícios (Jon 2,3-10), do outro «holocausto» aos deuses; três dias no ventre do «peixe» (Jonas) e três dias na cabana (náufrago); devolução do aflito à praia e aparecimento da serpente salvadora; os ninivitas salvam-se pelo arrependimento e penitência e o náufrago pelo apaziguamento da serpente. Jonas nada aprende com a lição de Javé e o capitão nada aprende com a história do náufrago<sup>9</sup>.

Outros traços aproximam as duas histórias: Em ambas se menciona expressamente o capitão, ao lado dos marinheiros, e a salvação se dá num espaço mágico – ventre do «peixe» *versus* «ilha do ka»<sup>10</sup>.

Haveria paralelo entre os 120.000 habitantes de Nínive (Jon 4,11) e o importante número 120 do conto do *Náufrago*: barco de 120 côvados de comprimento com 120 passageiros a bordo (até os quatro meses de estadia na ilha se convertem em 120 dias)<sup>11</sup>.

Alguns paralelos estão longe de ser perfeitos: número de habitantes de Nínive (não exagerado para a capital de Senaquerib<sup>12</sup>), salvos graças à penitência, e barco de 120 côvados de comprimento (deixando os 40 de largura e a hipotética conversão dos quatro meses em dias), afundado sem remissão com homens e mercadorias; Javé, condutor visível de toda a narrativa de Jonas é bem diferente do «servo eficiente», simples narrador da maior parte do conto. Não é evidente que o capitão tema ser punido com a morte (não estamos na Mesopotâmia), como Jonas desejou a morte ante o «fracasso» do «seu» anúncio (4,8). Nem que a salvação do náufrago aterrado com a visão da serpente tenha sido operada pela boca do animal (o efeito deveu-se «ao não temas!» e a boca foi simples meio de transporte de um lugar para outro), ao contrário da boca do «peixe» que mandou Jonas para o refúgio do ventre e o devolveu à

---

<sup>9</sup> A. KUNZ, «Das Jonabuch...», p. 60.

<sup>10</sup> *Ibid.*, pp. 67-68.

<sup>11</sup> *Ibid.*, pp. 69-70.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 70.

praia, salvando-o da tormenta. A tempestade fica bem em qualquer relato de viagem marítima; mas num lado deitou tudo e todos a perder, menos um passageiro (*Náufrago*), no outro (*Jonas*) passou incólume. Mas recepção de motivos literários nada tem a ver com cópia fiel.

Ambas as narrativas se desenvolvem em dois cenários: mar tempestuoso e ilha, mar tempestuoso e Nínive. Diferem no perfil dos heróis (o náufrago não tem nada de herói-cómico) e no rumo da aventura, claro em *Jonas* (da Palestina para Nínive com o intermédio Jafa para Társis), intuído no *Náufrago* (a expedição fracassada contornou o Sudão e só podia vir do Sul, pelo mar Vermelho).

Temática religiosa, moldura narrativa, espaço maravilhoso de uma cena importante são, de facto, comuns. «Ilha do *ka*» (há quem traduza «île du génie» e «phantom island») terá um sentido bastante alargado de memória comum a náufrago e serpente, como ponte entre dois mundos<sup>13</sup>. «Mas *k3* é aqui um conceito de muitos níveis: no mundo ficcional do Náufrago representa o elo entre os companheiros falecidos e a serpente, por um lado, e entre a serpente e o *šmsw jqr* [servo eficiente], por outro. Por outras palavras, o *k3* é a 'memória colectiva' (Assmann) que liga as personagens principais do conto, muito à maneira em que o *k3* (no sentido denotativo) garante o culto funerário do indivíduo. (...) Na ilha do *k3*, a fronteira entre a vida e a morte é vaga e a própria serpente partilha das duas dimensões; esta é a ilha do *k3*, porque a única dimensão em que existe é a *memória*: tanto a memória da serpente dos eventos passados e a futura memória do servo das palavras da serpente»<sup>14</sup>. É uma ilha luxuriante, repleta de todos os bens, paradigma de terra ideal como a ilha da *Utopia* de Moore e a ilha dos Amores d'*Os Lusíadas*.

Terá o conto egípcio chegado ao conhecimento do autor da narrativa hebraica e deixado marcas no seu opúsculo?

## II

A *Viagem de Wen-Amon*<sup>15</sup>, enquadra-se num fundo histórico real. Herihor, sumo-sacerdote de Amon em Tebas, assumira a inde-

<sup>13</sup> A. LOPRIENO, «The Sign of Literature», pp. 214-215.

<sup>14</sup> *Ibidem*; sublinhado do Autor.

<sup>15</sup> Conservada num único manuscrito, um papiro do Museu das Belas Artes de Moscovo, encontrado com outros papiros da XXI dinastia em el-Hibe (1890). Publi-

pendência do poder central, sediado em Tânis. Smendes fundará em breve a XXI dinastia, marcada pela co-habitação com a teocracia de Tebas, cada vez mais autónoma.

Wen-Amon deixa Tebas no «dia 16 do ano 5» da curta era da «repetição dos nascimentos» (criação), introduzida por Ramsés XI, ou seja por volta de 1080 a.C. Toca Tânis, onde residiam os soberanos nominais de todo o Egipto. Smendes e Tentamon recebem as credenciais de «Amon, rei dos deuses» e entregam o emissário ao capitão de um barco que se faz ao «grande mar da Síria». O barco escala Dor<sup>16</sup>, cidade dos Tjeker, a sul do Carmelo, onde o príncipe abastece Wen-Amon de víveres («cinquenta pães, uma jarra de vinho e uma perna de vaca»). O funcionário do templo de Karnak é roubado no porto e reclama o ressarcimento junto do príncipe local. Mas nem com toda a retórica do duelo verbal consegue reaver o que quer que seja.

As lacunas não permitem saber o desfecho. Contra eventuais sugestões a ficar mais tempo em Dor, Wen-Amon viaja para Tiro e Biblos, «acha» trinta e um *deben*<sup>17</sup> de prata num barco dos Tjeker e embolsa-os, a título de compensação pelos bens roubados em Dor. Voltamos a encontrá-lo já instalado numa tenda, no porto de Biblos. Esconde a imagem de «Amon do caminho» numa gruta e recebe ordem de despejo, não da tenda, mas do porto.

Só uma intervenção do Alto salvaria o viajante, de mãos a abanar em terra estranha. Durante uma cerimónia aos seus deuses, o príncipe de Biblos é intimado por um rapaz em êxtase a atender o enviado de Amon. Precisamente nesse momento, Wen-Amon encontra um barco de saída para o Egipto. Carrega os trastes que tem à mão e espera pela escuridão da noite para embarcar a imagem de

---

cado pela primeira vez por V. S. Golenisheff em 1899, tem sido traduzido para várias línguas modernas: ANET (J. A. Wilson), 25-29; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature (AEL)*, II, Berkeley/Los Angeles/London, 1976, pp. 224-230; K. GALLING, *Textbuch zur Geschichte Israels*, Tübingen, 1968, pp. 41-48; E. BLUMENTHAL, *Altägyptische Reiseliteratur*, Leipzig, 1982, pp. 47-52; G. LEFEBVRE, *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique*, Paris (1949) 1988, pp. 204-22; J. B. PRITCHARD-J. NUNES CARREIRA (ed.), *Atlas Bíblico*, Zairol, Lisboa, 1996, pp. 23-26; E. HORNING, *Gesänge am Nil. Dichtung am Hofe der Pharaonen*, Zürich/München 1990, pp. 31-60; Id., *Altägyptische Dichtung*, Stuttgart, 1996, pp. 48-55. Sigo esta versão.

<sup>16</sup> Deixo aos egiptólogos profissionais a discussão sobre a rota exacta de Wen-Amon. De acordo com A. NIBBI, «The City of Dor and Wenamun», in *Discussions in Egyptology* 35 (1996) 85-90 (todo o artigo pp. 77-95), nem Dor existiria nessa altura nem a rota, culminando a sul do lago Timsah, se afastaria muito do Egipto.

<sup>17</sup> Medida egípcia de peso, equivalente a 13,8 g.

Amon «sem que nenhum olho a veja». Recebe então a contra-ordem do capitão do porto. Mais um duelo verbal: «O príncipe diz: fica até amanhã.» Eu repliquei-lhe: «Não és tu que todos os dias me mandava recado – ‘Desaparece do meu porto?’ E não dizes agora ‘fica esta noite’, para deixar partir o barco que achei e de novo voltares a dizer: ‘Desaparece’!?»

Príncipe informado da discussão no porto e ordem determinante ao capitão do barco: «Fica até amanhã!» Ao outro dia, Wen-Amon é chamado ao paço para o derradeiro duelo verbal – audiência deliciosa em que a arrogância do hospedeiro embate com fanfarronadas do viajante, saudoso das glórias do Egipto como potência colonial.

A questão resumia-se a pagar ou não pagar a madeira. Insistia o egípcio que o antigo subalterno devia dar a madeira. Replicava o príncipe de Biblos que nunca os seus antepassados tinham sido criados do faraó. «Verdadeiramente, os meus satisfizeram a encomenda depois de o faraó ter enviado seis barcos carregados com as riquezas do Egipto, que eles descarregaram nos seus armazéns. Mas tu, que é que trouxeste?»

Para convencer de vez o egípcio, o príncipe manda vir os anais dos antepassados e lê as contas ao forasteiro: mil *deben* de prata por madeira. Não eram «presente régio», mas o preço da mercadoria. «Quanto a mim, não sou teu criado, nem sou criado de quem te enviou». Queria agora levá-la de graça?

Sem contrapartida financeira, acabou Wen-Amon por entender, não tinha madeira. Magnânimo, o príncipe manda um primeiro carregamento, com uma carta e mensageiro próprio. Barco e mensageiro regressaram com a mercadoria: quatro jarras e um vaso de ouro, quatro vasos de prata, dez vestes de linho real, dez fardos de linho do Alto Egipto, quinhentas esteiras macias, quinhentas peles de boi, quinhentas cordas, vinte sacos de lentilhas, trinta cestos de peixe, além do que se destinava ao próprio Wen-Amon. O príncipe pode agora mobilizar trezentos homens e outros tantos bois para cortar as árvores. Passado o Inverno, trazem-nas para a costa. O príncipe vem inspeccioná-las e chama Wen-Amon. O egípcio vai ter com ele e à sombra do seu guarda-sol, entabula novo diálogo, presenciado pelo patrício Penamon<sup>18</sup>.

Para que não restassem dúvidas, o príncipe diz a um servo que mostre os túmulos de dois mensageiros egípcios há tempos envia-

---

<sup>18</sup> Provavelmente ao serviço do príncipe de Biblos.

dos ao Líbano – «um verdadeiro monumento à impotência egípcia» e «uma oportunidade para saborear pôr o egípcio embarçadamente face a face com a realidade da sua vulnerabilidade»<sup>19</sup>. Wen-Amon apressa-se a atalhar: «Não mo façás ver». Eram simples homens. Eu sou um enviado de Amon: «Verdadeiramente foi Amon, rei dos deuses, que disse a Herihor, meu senhor: ‘envia-me’ e ele mandou-me vir (para aqui) com este grande deus». O melhor era o príncipe mandar erigir uma estela a Amon (dita-lhe o texto), dizendo como satisfizera a sua encomenda e esperava em troco mais cinquenta anos de vida do que o previsto. Alvitre polidamente declinado: «Bom conselho que me deste!»

De volta ao sítio dos troncos, Wen-Amon vê chegar onze barcos dos Tjeker, vindos no seu encalce. Tinham ordem de fazer bloqueio a qualquer barco que navegasse para o Egipto.

No dia seguinte, o príncipe recebe os piratas em audiência e pergunta-lhes ao que vêm. Atrás dos barcos que têm de ser destruídos, que tu envias para o Egipto com os nossos inimigos, respondem eles. O hospedeiro replica que não pode prender um mensageiro de Amon. Vai deixá-lo partir e, uma vez em alto mar, persigam-no e prendam-no como entenderem. «Então fez-me embarcar e mandou-me para o porto do mar», entregue às feras sem o saber. Salvou-o a tempestade que desbaratou a esquadra dos perseguidores e arrasou o seu barco até Chipre. Para cair noutra tormenta – a da multidão em fúria que queria linchar Wen-Amon. O forasteiro escapou a custo, abrindo caminho até ao sítio onde estava Hatiba, a princesa, que ia de uma das suas casas para outra e achando alguém que falava egípcio e serviu de interlocutor. Vinca o seu estatuto de enviado de Amon, que havia de o procurar até ao fim do mundo e dos tempos. A princesa «mandou clamar ao povo e censurou-o. Então disse-me: ‘vai dormir’». A história termina aqui abruptamente, pois falta o resto do manuscrito.

Discute-se se estamos no domínio do relato de viagem autêntica<sup>20</sup> ou no da criação literária<sup>21</sup>. Por esta militam razões de sobra:

---

<sup>19</sup> H. M. JACKSON, «‘The Shadow of Pharaoh, Your Lord, Falls upon You’: Once Again *Wenamun* 2.46», *JNES* 54 (1995) 284; todo o artigo pp. 273-286.

<sup>20</sup> Assim H. GOEDICKE, *The Report of Wenamun*, Baltimore/London, 1975, p. 4; H. BRUNNER, *Grundzüge einer Geschichte der altägyptischen Literatur*, 41986, p. 81: Talvez «o relato original, que o emissário Wen-Amon, finda a sua missão, entregou ao seu superior, o sumo-sacerdote de Amon em Tebas».

<sup>21</sup> Novela literária inspirada no relato oficial: G. LEFÈVRE, *Romans et contes...*, pp. 204-205, seguido por J. LECLANT, «Les relations de l’Égypte et la Phénicie du

para quê tantos duelos verbais, frustrações mal superadas à espera de outras, exposição de sentimentos íntimos (tristeza, melancolia, saudades da pátria, medo de piratas e pavor de ser linchado)?!

A narrativa de Jonas tem mais de um traço comum com o relato que acabo de resumir. A começar pela missão dos protagonistas: O egípcio é enviado de Amon: «Verdadeiramente foi Amon, rei dos deuses, que disse a Herihor, meu senhor: 'envia-me'...» Jonas é enviado de Javé: «Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e proclama contra ela que a sua maldade subiu até à minha face» (Jon 1,1). A diferença é que o pagão é dócil à vontade do seu deus e cumpre, ao passo que o israelita resiste e foge.

À egípcia, não se espera missionação (a religião egípcia era fundamentalmente nacional); a missão de Wen-Amon tinha a ver com o culto e os seus utensílios (no caso, a barca processional do deus). Apesar disso, chegado ao destino e no contexto do fornecimento da madeira, Wen-Amon assiste a uma manifestação de profetismo cananeu e não deixa de lançar a sua mensagem de salvação: «Não há barco na corrente que não pertença a Amon. Seu é o mar e seu é o Líbano de que dizes 'pertence-me'. Ele é a plantação para (a barca cultural de) Userhatamon, a senhora de todos os navios.» «Amon-Ré, rei dos deuses, é o senhor da vida e da saúde, era também o senhor dos teus pais, que durante toda a sua vida sacrificaram a Amon. E tu, também tu és um servo de Amon!...» Com o que concorda o hospedeiro fenício: «Sim. Amon fundou todos os países. Fundou-os, depois de ter fundado a terra do Egipto, donde vieste.» Com a religião, o Egipto legara ao Líbano muito dos seus bens culturais: «A sabedoria saiu dele até chegar a mim e a ciência saiu dele até chegar a mim...» «O príncipe de Biblos emerge com toda a consciência de si, como governante de uma cidade-estado independente, mas reconhece de bom grado a preeminência religiosa e cultural do Egipto. Com Wen-Amon encontramos-nos no princípio de uma nova expansão do Egipto, uma 'migração' de bens culturais egípcios, que se inicia em cheio no momento em que acabou a supremacia política sobre os países vizinhos»<sup>22</sup>.

---

voyage de Ounamon à Alexandre», in W. H. WARD (ed.), *The Role of the Phoenicians in the Interaction in the Mediterranean Civilizations*, Beirut, 1968, p. 9, cit. em H. M. JACKSON, «'The Shadow of Pharaoh'», *JNES* 54 (1995) 274, n. 8.

<sup>22</sup> E. HORNUNG, «Sinuhe und Wenamun – zwei ägyptische Wanderer», in F. GRAF-E. HORNUNG (ed.), *Wanderungen* (Eranos Jahrbuch), München 1995, p. 64 (todo o artigo pp. 55-65).

Como Javé é Deus universal e tolerante, adorado por marinheiros fenícios e pelos ninivitas que não precisam de renunciar aos seus deuses (como já observámos a propósito do *Náufrago*), assim é Amon, deus de Karnak, do Egipto e do Líbano. A reforma de Amarna tinha suprimido o carácter exclusivamente nacional da religião. Depois de Aton, também Ptah e Amon estendiam o seu poder e providência aos estrangeiros.

Como Javé perdoa aos pagãos arrependidos, Amon recompensa quem lhe faz bem no Líbano. Se o príncipe de Biblos reconhece a superioridade religiosa de Amon, os marinheiros fenícios e os ninivitas curvam-se antes o Deus de Israel na narrativa hebraica.

Idêntico é o contexto das duas viagens marítimas. A de Jonas tem rumo claro: de Jafa, na costa palestinese, para o extremo ocidental do mundo conhecido (Társis). A viagem efectiva do profeta não passa do Mediterrâneo oriental. Surge a tormenta logo a seguir ao embarque e os marinheiros remavam para ver se conseguiam ganhar terra, mas em vão, porque o mar cada vez estava mais bravo (1,13). Na costa siro-palestinese se desenrola o grosso da aventura de Wen-Amon – em Dor e Biblos. O epílogo em Chipre não está geograficamente longe.

Wen-Amon viaja num barco que o príncipe de Biblos classificará de «sírio», tripulado por sírios (fenícios): os príncipes de Tânis entregam o emissário ao capitão de navio Mengebet, nome sírio (fenício?)<sup>23</sup>, que se faz ao «grande mar da Síria». Jonas desce a Jafa, paga a passagem e embarca em nau fenícia numa viagem ainda mais longa, rumo a Társis (Jon 1,3). O egípcio não só se salva da tempestade que assolou o seu barco à saída de Biblos (não sabemos o que aconteceu aos barcos que o perseguiram); a tempestade é que o salvou da perseguição e provável captura. O barco de Jonas é igualmente acometido de medonha tempestade à saída de Jafa; o protagonista salva-se miraculosamente na viagem «submarina» e subsequente despejo na praia e com a expiação do seu pecado salva os tripulantes e os outros passageiros.

\*  
\* \*

Motivos idênticos em duas obras literárias não traduzem necessariamente dependência de uma em relação à outra. Pode tra-

---

<sup>23</sup> M. LICHTHEIM, *AEL*, II, 230.

tar-se de simples analogias. Quando, porém, ocorrem semelhanças formais entre dois textos, já é provável a migração dos motivos. É o que de há muito se suspeita ou admite entre o conto do *Náufrago* e a *Odisseia* e o *Marinheiro Sinbad*. Pense-se no naufrágio de Ulisses e da sua chegada à ilha dos Feaces. A ilha de Esquéria e o palácio de Alcínoo têm vegetação abundante como a ilha do *Náufrago*. Também Ulisses adormece por três dias; também a ilha desaparece (Poséidon cobre-a com um rochedo) após a partida do herói. Sinbad salva-se igualmente do naufrágio sobre «uma das tábuas do leme a que se agarrara» (17) e chega a uma «ilha paradisíaca de vegetação luxuriante». A vinda da serpente depois de sucessivos tremores de terra ocorre várias vezes nas aventuras de Sinbad<sup>24</sup>. Sendo assim, não admira que o conto egípcio tenha influenciado o *Livro de Jonas*, cultural e geograficamente mais próximo. As narrativas têm estrutura idêntica, um animal fantástico, igual rejeição do determinismo fatalista e desfecho aberto à conclusão do leitor<sup>25</sup>.

Os traços míticos e lendários da *Narrativa de Jonas*, como o «peixe» gigante, são tributários do lastro cultural comum da orla mediterrânea da Ásia Anterior (lenda de Hércules e Perseu), podendo chegar à Assíria, Babilónia e Índia. Dada a ligação à marinhagem, em *Jonas* podem ser originários da Fenícia ou do norte de Canaã<sup>26</sup>. Mas há mais de um traço comum a ligar a *Viagem de Wen-Amon* com a aventura e desventura de Jonas: cenário geográfico (Mediterrâneo oriental), missão religiosa, mensagem profética, universalidade e tolerância do deus/Deus grande (Amon/Javé), tempestade e salvação do protagonista. Wen-Amon e Jonas são, cada um a seu modo, heróis-cômicos. Dada a anterioridade da narrativa egípcia, é bem possível e até provável que esta tenha influenciado o livro hebraico.

JOSÉ NUNES CARREIRA

---

<sup>24</sup> Cf. C. LALOUETTE, *La littérature égyptienne* (Que sais-je? 1909), Paris 1981, pp. 104-105.

<sup>25</sup> A. KUNZ, «Das Jonabuch...», pp. 73-74.

<sup>26</sup> G. FOHRER, *Erzähler und Propheten im Alten Testament. Geschichte der israelitischen und frühjüdischen Literatur*, Heidelberg/Wiesbaden 1988, p. 208.